



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

**15 a 18
outubro
2019**

METODOLOGIAS ATIVAS COMO RECURSO DIDÁTICO-PEDAGÓGICO NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Alexsandro de Oliveira Silva
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: alexgeisa@yahoo.com.br

Nerêida Maria Santos Mafra De Benedictis
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: nereidamafrabenedictis@gmail.com

INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto de resultados de estudos conjuntos no Grupo de Pesquisa em Ensino de Geografia – GRUPEG/UESB, constatando de modo especial, como as metodologias ativas podem contribuir para o Ensino de Geografia.

O professor quando se apropria dos fundamentos de sua ciência deverá optar pelo uso de uma determinada metodologia para ministrar suas aulas. Na área da Geografia não é diferente, quem atua nesse campo utilizará de um modo de ensino que prestigie a mera exposição de conteúdo ou uma forma que vise uma aprendizagem significativa, que tenha o estudante como protagonista do seu aprendizado. Ao escolher a segunda opção, fará uso de metodologias ativas de aprendizagem.

Dentro do processo histórico é possível perceber a busca de um modo de ensino adequado para determinados conhecimentos, seja no âmbito familiar, com a transmissão oral de tradições e costumes ou de forma coletiva como no caso das sinagogas judaicas que serviram por muito tempo para educar, bem como as escolas de filosofia na Grécia e Roma antigas. Até mesmo o Didaquê (*Διδαχή*¹) usado pelos cristãos, do primeiro século, para propagar suas convicções religiosas. Na idade moderna podemos citar a Didática Magna, uma obra clássica de John Amos Comenius do século XVII.

Este trabalho considera que é pertinente o estabelecimento de práticas escolares e metodologias de ensino que se adequem à realidade do nosso tempo e que favoreça a aprendizagem dos alunos.

¹ Ensino ou Instrução - Isidro Pereira, S.J. **Dicionário Grego-Português e Português-Grego**. Braga: Livraria A.I. 8ª edição, 1998.



METODOLOGIA

Para elaboração deste trabalho foi feita uma pesquisa bibliográfica e teórica na modalidade de estado da arte, levando em conta o assunto central das Metodologias Ativas, considerando os trabalhos de Berbel (2016), Bacich e Moran (2017), Filatro e Cavalcanti (2018), bem como Cortelazzo, Fiala et al (2018). Nesse quesito também foram considerados pesquisadores que laboram com a questão do Ensino de Geografia, como Vesentini (1999) e Callai (2001). Porém, no que se refere ao uso de metodologias ativas no ensino de Geografia não foram encontrados trabalhos acadêmicos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As metodologias ativas estimulam a participação direta do aluno na construção do saber e da aprendizagem. Conforme Araújo (2015), trata-se de uma atividade escolanovista e que tem a atividade como conceito-chave fundamental, pois a mesma promove a experiência com fins de aprendizagem. “Destaca-se, ainda, que o método de projetos foi difundido ou conhecido no Brasil por meio do movimento Escola Nova, iniciado em 1932” (CAMARGO; DAROS, 2018, p.9). Esse método é um dos mais conhecidos nesse campo de estudo.

O ensino de um modo geral, precisa acompanhar as mudanças da sociedade. A Geografia tem um papel importante na escola, pois permite a explicação sobre o mundo em que vivemos e possibilita ao aluno uma melhor apreensão da realidade espacial na qual ele vive e como o espaço produzido se desenvolve.

As metodologias ativas são formas de ensinar por meio de situações problemas; de reflexões sobre a experiência; da aprendizagem baseada em projeto; ensino com pesquisa; de casos para ensino; mapas conceituais; jogos pedagógicos; aprendizagem baseada em times e outras estratégias de ensino e aprendizagem.

Conforme Camargo e Daros (2018, p. 8), Jonh Dewey nos anos de 1930 destacava a necessidade da articulação entre teoria e prática, tendo em vista que o aprendizado se dá no contexto diário do aluno.

As metodologias ativas podem gerar benefícios no que diz respeito ao desenvolvimento de estruturas cognitivas que facilitam na solução de futuros problemas parecidos e eleva o interesse do aluno, obrigando-o a estudar mais as situações



concretas da vida que precisam de uma solução. Como podemos ver:

A utilização dessas metodologias pode favorecer a autonomia do educando, despertando a curiosidade, estimulando tomadas de decisões individuais e coletivas, advindas das atividades essenciais da prática social e em contextos do estudante. (BORGES, 2014, p. 120)

Ao fazer uso de metodologias ativas, o professor insere o estudante como uma peça central no processo de aprendizagem significativa, partindo da estrutura cognitiva dele, abandonando toda e qualquer formatação mecânica do aprendizado. Essas metodologias “estão alicerçadas na autonomia, no protagonismo do aluno. Têm como foco o desenvolvimento de competências e habilidades, com base na aprendizagem colaborativa e na interdisciplinaridade” (CAMARGO e DAROS, 2018, p. 16). Isso capacita o aluno a intervir em contextos de incertezas e complexidades.

As metodologias ativas provocam algumas expectativas e ações no cotidiano docente como: Aprender com o processo, planejar com mais detalhes, considerar o estudante como parte do desenvolvimento das aulas, tornar o aluno corresponsável no ensino e aprendizagem, investir no relacionamento, afastando-se da aridez relacional em sala de aula e fazer uso de novas tecnologias que favoreçam o aprendizado.

Os estudantes expostos às essas técnicas são mais propensos ao trabalho em grupo, de forma colaborativa e criativa. São capazes de formular e resolver problemas, negociar e promover mudanças. São encorajados a enfrentar novos desafios, compreende com mais facilidade os conceitos e desenvolvem o senso de responsabilidade.

No contexto educacional do século XXI, estamos bem distantes historicamente das metodologias de ensino utilizadas por povos antigos com seu caráter de transmissão oral, no qual a memória preservada pela família era a salvaguarda dos conhecimentos acumulados. São remotas também as práticas adotadas de transferência de saberes das sinagogas judaicas antigas, ou do Paideia na Grécia antiga ou na Escolástica medieval. Isso porque, o processo educativo vem sendo transformado na mesma medida em que a sociedade muda.

Segundo afirma Kenski (1996), as pessoas mudaram, houveram também mudanças quanto as práticas de leitura e escrita, alterando a forma da sociedade adquirir conhecimento. Para este autor, apesar das mudanças sociais significativas, a escola



permanece utilizando os mesmos recursos didáticos e metodologias. A autora também questiona se houveram alterações na formação dos professores e se os mesmos ainda são tidos como capital de saberes a ser compartilhado e/ou transmissores orais de conteúdo.

Nesse contexto, a Geografia, conforme Vesentini (1999), é a ciência que deve motivar o aluno a construir conceitos, possibilitando a compreensão do presente para que assim possa pensar com mais responsabilidade no seu futuro. Cavalcanti (1998, p.11) destaca a necessidade de “apreensão da realidade sob o ponto de vista da espacialidade, ou seja, de compreensão do papel do espaço nas práticas sociais e destas na configuração do espaço”.

Para que o ensino de Geografia cumpra com o seu papel de formar cidadãos críticos e conscientes de sua realidade é necessário aproximar-se de metodologias que despertem nos alunos a curiosidade pela matéria. Por muito tempo, a Geografia escolar foi baseada em práticas de memorização, principalmente na área da geografia física. Neste contexto, a figura humana e sua realidade pouco era estudada e ou observada/percebida. Essa realidade é ressaltada por Callai:

Aspectos naturais e humanos do espaço geográfico, traduzidos em aulas sobre relevo, vegetação, clima, população, êxodo rural e migrações, estrutura urbana e vida nas cidades, industrialização e agricultura, eram estudados como conceitos abstratos, neutros, sem ligação com a realidade concreta da vida dos alunos. (CALLAI, 2001, p.139)

Com os debates que redundaram na geografia crítica que negava esse modo “decorativo” de aprender e com a “superação” da dicotomia entre geografia física x geografia humana, a escola precisou se reinventar e novas formas de abordar a ciência geográfica foram necessárias. Portanto, as metodologias utilizadas em sala de aula tornaram-se um instrumento fundamental para a compreensão da Geografia.

CONCLUSÕES

É possível concluir que há uma necessidade premente de se ouvir o aluno e estimular o diálogo para perceber as distinções na forma de aprender e buscar novas formas de ensinar. Ao ouvir o aluno, a escola permite que ele participe diretamente do seu processo de aprendizagem. O ensino de Geografia não deve servir como mero



reprodutor de conteúdos e sim produzir conhecimentos onde os alunos participem diretamente de todo o processo.

O uso de metodologias ativas de aprendizagem pode ser importante no ensino da geografia, a qual coloca o aluno diretamente envolvido no seu processo de aprendizagem, enquanto o professor assume o papel de mediador ou orientador da discussão do tema proposto. Essa abordagem está em consonância com o que se tem de mais atual na legislação educacional, de modo especial com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) e com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

É muito importante a continuidade dessa pesquisa para que se estabeleçam propostas concretas para a atividade docente no campo da Geografia.

PALAVRAS CHAVE: Metodologias Ativas; Ensino Aprendizagem; Ensino de Geografia.

REFERÊNCIAS

BORGES, Tiago Silva; ALENCAR, Gidélia. Metodologias Ativas na promoção da formação crítica do estudante: o uso das metodologias ativas como recurso didático na formação crítica do estudante do ensino superior. **Cairu em Revista**. Jul/Ago 2014, Ano 03, n° 04, p. 119-143.

CAMARGO, Fausto; DAROS, Thuinie. **A sala de aula inovadora: estratégias pedagógicas para fomentar o aprendizado ativo**. Porto Alegre: Penso, 2018, 123p.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, Escola e construção do conhecimento**. Papyrus Editora. 1998 (3ª Ed.). 192p.

CALLAI, Helena Copetti. **A Geografia e a Escola: Muda a Geografia? Muda o Ensino?** Revista Terra Livre, n. 16. (p. 133-152). São Paulo, 2001

KENSKI, Vani Moreira. O ensino e os recursos didáticos em uma sociedade cheia de tecnologias. VEIGA, Ilma Passos Alencastro (org). In: **Didática: o ensino e suas relações**, 18ª ed. São Paulo: Papyrus, 1996.

VESENTINI, J. W. Educação e ensino da Geografia: instrumentos de dominação e/ou de libertação. In: Ana Fani A. Carlos. (Org.). **A Geografia na sala de aula**. 2a.ed. São Paulo: Contexto, 1999, v. 1, p. 14-33.